



“Não sonho mais”: autoritarismo e corpos submissos em *A Nova Ordem*, de B. Kucinski

“I don't dream anymore”: authoritarianism and submissive bodies in *A Nova Ordem*, by B. Kucinski

Flora Viguini do Amaral¹

Resumo: Objetiva-se analisar a distopia *A Nova Ordem*, de Bernardo Kucinski (2019), a partir da ideia de que a democracia talvez não tenha solidificado os ideais do Estado democrático de direito nas raízes da estrutura social. Nessa perspectiva, propõe-se uma leitura sobre aspectos envolvendo o autoritarismo e a docilização dos corpos na obra de Kucinski e no atual cenário político brasileiro. Serão basilares as contribuições de Michel Foucault (1984) a respeito dos corpos submissos, bem como os subsídios de Jaime Ginzburg (1999) e Paulo Sérgio Pinheiro (1991) sobre o autoritarismo.

Palavras-Chave: Autoritarismo; *A Nova Ordem*; Kucinski; Distopia;

Abstract: The objective is to analyze the dystopia *A Nova Ordem*, by Bernardo Kucinski (2019), based on the idea that democracy may not have solidified the ideals of the democratic rule of law at the roots of the social structure. In this perspective, a reading on aspects involving authoritarianism and the docilization of bodies in Kucinski's work and in the current Brazilian political scenario is proposed. The contributions of Michel Foucault (1984) regarding submissive bodies will be fundamental, as well as the subsidies of Jaime Ginzburg (1999) and Paulo Sérgio Pinheiro (1991) on authoritarianism.

Keywords: Authoritarianism; *A Nova Ordem*; Kucinski; Dystopia;

Introdução

Na canção “Não sonho mais”², do cantor, compositor e escritor Chico Buarque, a protagonista descreve o sonho que teve com outro personagem, o seu próprio “censor”. Uma leitura possível é a de que ao sonhar com o suposto linchamento de seu repressor, cometido por um “bando” (“vinha nego humilhado / vinha morto-vivo / vinha flagelado / de tudo que é lado / vinha um bom motivo pra te esfolar”), a protagonista se inclui na ação “violenta” que culmina com a morte do opressor. Quando acorda, ao cair da cama, a sonhadora ressent-se do assassinato, ainda que em sonho. Em seguida, a personagem confessa o que sonhou ao dominador, cuja voz não se escuta, mas por ser justamente aquele para quem a protagonista dirige a palavra, ele habita o discurso dela, orientando suas atitudes. Em seguida, ela suplica e promete: “ai, amor/não briga/ ai, não me castiga/ ai, diz que me ama/ e eu não sonho

¹ É graduada em Jornalismo (2012) e em Letras Português e Francês (2020), Mestre em Letras (2016) e Doutora em Letras: Estudos Literários (2020) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atualmente é professora substituta de Língua Francesa/Ensino de FLE do Departamento de Letras Neolatinas da Ufes. Contato: floraviguini@gmail.com.

² BUARQUE, Chico. **Canções**. Disponível em

<http://www.chicobuarque.com.br/letras/naosonho_79.htm>. Acesso em 15 mar. 2020.

mais”. No que tange ao sonho, Freud³ (1915) explica que estes ocorrem porque algo não confere paz à mente. Esta, por sua vez, reage aos estímulos que a atingem no estado de sono. Assim, o sonho, a fantasia e os chistes podem ser um meio de vislumbrar o inconsciente em ação a partir de sensações fisiológicas, de pensamentos ocultos, de inconscientes, formados por desejos antigos, recalçados pela censura do Superego. Se o censor da canção de “Não sonho mais” descobre facilmente o conteúdo dos sonhos da protagonista, que parece estar em vigília, com medo, vivendo constantemente uma culpa repressora, o mesmo não ocorre com os personagens de *A Nova Ordem*⁴ (2019), sexta obra literária do escritor brasileiro Bernardo Kucinski. Nessa distopia ou ficção política, segundo a catalogação do livro, um dos personagens busca desenvolver uma máquina capaz de ler sonhos. Ariovaldo é um coronel que faz parte dessa organização militar instituída que toma o poder por forças antidemocráticas. Nessa nova sociedade, o público e o privado são controlados pelo Estado com extrema violência. A leitura dos sonhos é efetuada com a finalidade de eliminar células de resistência contra o sistema vigente, que esmaga a possibilidade de qualquer mudança pelo viés democrático. Assim, sonhos e individualidades são aniquilados pelas mãos dos generais de quatro estrelas.

Num breve resumo, Kucinski apresenta uma nova face do autoritarismo, diferente daquela presente em seu romance de estreia *K. – Relato de uma busca* (2014)⁵ e de sua novela *Os Visitantes* (2016)⁶, cujas narrativas retomam diferentes ângulos acerca do desaparecimento de Ana Rosa Kucinski, irmã do autor e que foi sequestrada-torturada-assassinada-incinerada pelo regime militar durante o período ditatorial brasileiro (1964- 1985). Desta vez, Kucinski descreve um Brasil distópico, dominado pela Nova Ordem. Aqui, a estrutura social é construída a partir dos éditos, decretos que regulam o comportamento e as relações humanas na sociedade. A violência física e simbólica é referendada a partir dos éditos autoritários, explicados em longas notas no desenvolvimento do texto. Um deles, por exemplo, é a implantação da ECONEC (Economia – Neoliberal – Coercitiva) que extinguiu o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e os ministérios do Planejamento, de Minas e Energia e da Indústria e Comércio, privatizou as empresas estatais, autarquias, extinguiu o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), acabou com o Bolsa Família, além de obrigar todo brasileiro a abrir uma conta bancária denominada Conta-Pessoa, contraindo para tal fim um empréstimo no mesmo banco e agência, entre outras providências.

É proibido pensar e criar. Ser diferente é um passo para o extermínio. O apagamento e o silenciamento da pluralidade de ideias ficam patentes no primeiro capítulo, com a deflagração da Operação Cátedra, em que ocorre o assassinato de professores universitários. Antes de morrer, um professor divaga: “a formação militar é incompatível com o pensamento crítico. Só a ideia de ser treinado para matar já

³ FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916), parte I e II, vol. XV. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

⁴ KUCINSKI, B. **A Nova Ordem**. São Paulo: Alameda, 2019. Recurso digital.

⁵ KUCINSKI, B. **K. —Relato de uma busca**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.

⁶ KUCINSKI, B. **Os Visitantes**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

mostra a estupidez dos exércitos” (KUCINSKI, 2019, posição kindle 110)⁷. Os éditos também estabelecem o fim de programas de acesso à universidade. A produção, a venda e a circulação de obras contrárias às ideias do regime são cerceadas pelos decretos. “Esmagar os utopistas é prioridade absoluta da Nova Ordem” (KUCINSKI, 2019, posição kindle 305). No enredo, o governo autoritário foi criado a partir das lutas consideradas excessivamente vitoriosas de sindicalistas e dos utopistas, considerados opositores da ordem: “os utopistas são pessoas comuns. Indistinguíveis. [...] A maioria dos utopistas são estudantes, filhinhos de papai. Outra categoria é a dos artistas e intelectuais que os apoiam sem, no entanto, romper os laços com as instituições” (KUCINSKI, 2019, posição kindle 468).

Nesse sistema, nota-se a falta de interesse em manter e ou difundir a produção científica ou industrial, já que a economia é baseada no agronegócio e mantida por meio de um aparelho de subalternidade e de exploração da maioria da população. Prevalece ainda a prática de não preservação dos recursos naturais do Brasil.

A obra possui poucos personagens. São narradas as histórias de militares de alta patente e suas esposas. A vida de Angelino também é evidenciada: ex-engenheiro, ele se tornou catador de produtos recicláveis e quase não consegue juntar o dinheiro para comprar o café da manhã, o prato feito e a pinga. Angelino demonstra manter, entretanto, uma relação afetiva com os livros que coleta. Já Ariovaldo, citado no início deste trabalho, vive inteiramente para o projeto de impedir a difusão dos utopistas, sendo responsável pelo aniquilamento de um possível movimento utopístico:

Ariovaldo quer chegar a um método que assegure, com a mais absoluta certeza, que o preso falou tudo o que sabe, seja qual for sua estrutura mental e psíquica. Um método científico que extraia da memória do preso todas as informações ali armazenadas para a prática da subversão e da contestação da Nova Ordem, sem depender da vontade ou da determinação do próprio preso (KUCINSKI, 2019, posição kindle 846).

Ao final de suas pesquisas, servindo a Nova Ordem, Ariovaldo cria um chip que permite modificar e modular o pensamento da população, por meio da remoção de memórias e introdução de comportamentos preestabelecidos. Seus programas robotizam os indivíduos: a sociedade passa a ser composta de conformistas e acríticos. Não há espaço para a rebeldia. O contraponto e inconformismo são duramente atropelados. Os sonhos são dragados pelas ações autoritárias desse regime. Finalmente, com o advento do Chip de Customização de Humanos Conformados (CCHC) e com o Chip de Customização de Humanos Dirigentes (CCHD), essa sociedade é personalizada para obedecer às ordens da elite no comando. Apesar dos avanços e das descobertas empreendidas, Ariovaldo descobre, no último capítulo do livro, que as pessoas tinham deixado de sonhar, motivo que o leva a ficar em depressão e a ser internado no Hospital Central do Exército. “Ariovaldo jamais conseguiu capturar um fragmento que fosse do conteúdo manifesto de um sonho. [...] Foi quando se deu conta de que ao suprimir desejos e paixões, as forças

⁷ A partir daqui, todas as citações devem ser entendidas como sendo a posição da versa eletrônica do livro no Kindle.

impulsionadoras dos sonhos, o chip de customização havia suprimido os próprios sonhos” (KUCINSKI, 2019, posição kindle 1243).

Sobre a ficção política de Kucinski, Márcio Seligmann-Silva (2019)⁸ defende que *A Nova Ordem* é um jogo irônico baseado no uso da ficção. “No Brasil, ao que tudo indica, essas ironias com o real costumam não ser facilmente aceitas, ou pelo menos o público tem-se mostrado pouco aberto a elas” (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 2). Vale lembrar que Kucinski mistura “vivido” e “imaginado” em suas obras literárias desde a publicação de *K*. Esse artifício de construir representações literárias de acontecimentos do passado brasileiro no presente seria uma luta contra o “vazio do esquecimento”, segundo Seligmann-Silva:

As imagens que propagandeiam e querem pintar o período de 1964-85 como período livre de corrupção e pleno de progresso estão indiscutivelmente cada vez mais onipresentes. Essas imagens, para além de negarem a corrupção e o fiasco do chamado “milagre econômico”, encobrem a violência, a política de tortura e de extermínio sobre os quais se erigiu o Estado. [...] Produz-se um esquecimento da dor, da morte, dos cadáveres que sintomaticamente eram desaparecidos. Contra essa política do esquecimento erguem-se a literatura e as artes como modos de inscrição de outras imagens, daquelas que foram forçadas ao apagamento e silenciamento. Um dos temas principais de *K*. é justamente o negacionismo, a destruição do espaço público que ocorre nos governos autoritários e totalitários. [...] A memória da dor e a tarefa do luto das vítimas da ditadura são legadas apenas aos seus amigos e familiares. Kucinski fala de uma privatização da memória da violência e da dor.

No caso brasileiro, essa situação também se reflete no âmbito jurídico: na medida em que nesse país não ocorreu um processamento jurídico da ditadura, não ocorreu tampouco a fundamental entronização dos direitos humanos como parte essencial da política de qualquer Estado moderno. Daí agora surgirem vozes bradando o mote cínico e bárbaro “direitos humanos para humanos direitos”. Nada poderia ser mais avesso aos direitos humanos, que justamente surgem como ideologia [...] para incluir dentro do estado de Direito os mais fracos, os sem voz, as vítimas da violência inerente ao capitalismo e sua máquina de lucros (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 4).

Os éditos da distopia de Kucinski se assemelham, em certo grau, a diversos decretos e projetos de lei que circulam no Congresso Nacional, em Brasília. Para Seligmann-Silva, essa transcrição irônica permite um distanciamento crítico. “No âmbito da construção narrativa, a história evidentemente envereda pelo ficcional com mais soltura, mas os fatos igualmente absurdos aí narrados não deixam de duplicar novamente o que ocorre em volta de nós, hoje, mesmo que com tons talvez mais acentuados” (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 7). Um dos numerosos exemplos desse “realismo decantado de uma situação histórica marcada pela substituição” é a determinação⁹ feita pelo atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, às Forças Armadas para comemorar o golpe militar de 1964, quando completou 55 anos no dia 31 de março de 2019. Os anos de ditadura militar foram marcados pelo fechamento do Congresso Nacional, cassação de direitos políticos, perseguição,

⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Pensando o tempo na Nova Ordem**: Sobre as verdades da ficção e a necessária organização do pessimismo. Palestra ministrada no XVI Congresso Internacional da ABRALIC, ocorrido na Universidade de Brasília (UnB) entre os dias 15-19/07/2019.

⁹ WARTH, Anne; LINDNER, Julia. Planalto confirma ordem de Bolsonaro para comemorar aniversário do golpe de 1964. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 145, 25 mar. 2019. Política, p. B1.

tortura, assassinato e ocultação de cadáveres de cidadãos, além de censura à imprensa. Mesmo assim, um presidente eleito pela maioria subverteu o entendimento já fragilizado de democracia ao incentivar a comemoração de tal data. Essas e outras ações acabam distorcendo acontecimentos do passado, incutindo uma versão diferente do período ditatorial brasileiro no imaginário social: a ideia de que o regime militar não cometeu torturas, sequestros, assassinatos e atos de corrupção naquele período, por exemplo. Para Seligmann-Silva, Kucinski também realiza uma inscrição do “futuro” a partir de eventos presentes. “A operação de perseguição aos utopistas ganha um departamento com um nome que novamente faz com que leiamos essa distopia como um emaranhado temporal” (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 10). Seligmann-Silva se refere ao trecho de *A Nova Ordem* que apresenta o Departamento de Operações da Inquisição, subordinado ao Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI):

Lembrando que o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna) era um órgão subordinado ao Exército que tinha como função na ditadura investigar a sociedade e reprimir brutalmente qualquer ameaça de oposição ao regime ditatorial. Ele foi criado em 1970, como um desdobramento da Operação Bandeirante, que foi um dos meios da institucionalização da tortura e dos desaparecimentos como técnicas de controle (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 10).

Na *Nova Ordem*, o DOI-CODI destrói os sonhos dos utopistas de forma figurada e também literal. Já no regime ditatorial brasileiro, o DOI-CODI era uma vigilância permanente para impedir aqueles que lutassem pela democracia tivessem êxito. Era a destruição do sonho democrático. Esse seria mais um exemplo de repetição do nosso passado na obra.

Por meio de recursos literários e estéticos, Kucinski estabelece uma realidade cruel e alienada, bem próxima ao que estamos vivenciando: as manifestações a favor do retorno do regime militar, por exemplo. Pode-se dizer também que sua crítica contundente é direcionada a uma democracia que talvez não tenha conseguido solidificar os ideais do Estado democrático de direito nas raízes da estrutura social. A violência presente na distopia é um reflexo da violência e da desigualdade social no Brasil atual, fatos que influenciam a dinâmica da organização político-social e servem de terreno fértil para os flertes com o autoritarismo estatal. Diante disso, propomos uma leitura acerca dessas ambiguidades que abarcam as presenças do autoritarismo e da docilização dos corpos na obra e no atual cenário político brasileiro.

Seguindo a linha de “*tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu*”¹⁰, Kucinski adiciona a frase ou “*está acontecendo*” ao paratexto de *A Nova Ordem*. O que se nota na distopia é o forte autoritarismo estatal, “um estado excitado do capitalismo que se manifesta sempre que é preciso refrear os avanços do povo” (KUCINSKI, 2019, posição kindle 98). É por meio dos éditos que a desigualdade social vai aumentando até que aquela sociedade não tenha benefícios e direitos assegurados pela Constituição. Seligmann-Silva aponta semelhanças entre alguns decretos da narrativa e as decisões retrógradas tomadas no Brasil pelo atual governo. *A Nova Ordem*

¹⁰ Frase utilizada por Kucinski no paratexto de *K. – Relato de uma busca*.

extingue o ministério do Trabalho [...], a Secretaria de Inspeção do Trabalho, o DIEESE, o DIESAT, as Leis Trabalhistas, o Estatuto da Empregada Doméstica e o do Trabalhador Rural, revoga o capítulo do código penal que pune o trabalho escravo e extingue o Programa Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo. Note-se que de fato o atual governo praticamente eliminou toda fiscalização do trabalho escravo ao por em risco o funcionamento da Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (CONATRAE). Recentemente (04/07/19) o presidente elogiou as virtudes do trabalho duro imposto às crianças. Em contrapartida, lemos ainda na nota sobre o Trabalho, que foi criada na Polícia Federal uma Delegacia Especializada de Fiscalização da produtividade do Trabalho. Esse órgão, diga-se de passagem, lembra instituições semelhantes que de fato existiam no regime nazista, onde a produtividade era associada ao patriotismo e a impossibilidade de cumprir as metas de trabalho levava à internação em campos de trabalho e até à morte (SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 10).

A propósito disso, definir a ideia de autoritarismo não é uma tarefa fácil, em virtude das variações existentes. Baseando-se nas ideias de Schwartzman e Lamounier, Jaime Ginzburg (1999)¹¹ assim define o conceito em questão:

é uma caracterização de um regime político em que existe um controle da sociedade por parte do Estado, que manipula as formas de participação política e restringe a possibilidade de mobilização social. Nesse quadro, existe interesse político na cooptação dos intelectuais; a administração pública é apresentada como um bem em si mesmo, ao servir ao interesse do Estado; o setor militar desempenha um papel decisivo na manutenção da ordem. Em formas extremas, como o totalitarismo, o regime autoritário institui um partido único e reprime com rigor manifestações de contrariedade (GINZBURG, 1999, p. 123).

Para Paulo Sérgio Pinheiro (1991)¹², as práticas autoritárias não findam com o a falência das ditaduras. Elas sobrevivem durante e após as transições de comandos e sob a égide dos novos governos eleitos. Na visão de Pinheiro, devido à ditadura militar, criou-se no Brasil um “autoritarismo socialmente implantado”. Assim, a despeito de um regime democrático ter se instaurado no Brasil a partir de 1988, não houve uma mudança significativa nas instituições de segurança pública que alterasse as formas repressivas e autoritárias de controle da violência por parte dos policiais. Dessa forma, compreendemos que esse autoritarismo está enraizado desde o período da colonização até sua consolidação na ditadura militar, permanecendo na nossa sociedade contemporânea justamente por não haver uma transição completa do regime ditatorial para o democrático.

Esse “autoritarismo socialmente implantado” é evidenciado durante as manifestações de uma multidão vestida de verde e amarelo, que ocupa as principais vias das capitais com pautas de reivindicações das mais diversas. A onda de insatisfação ganhou força em junho de 2013, reverberou na então presidente da República, Dilma Rousseff, que tinha aprovação de 57% e viu sua popularidade cair à metade naquele mês. As ruas, historicamente ocupadas pela esquerda, também

¹¹ GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. **Letras**, Santa Maria, n. 18/19, p. 121-144, jan./dez., 1999.

¹² PINHEIRO, Paulo Sérgio. Autoritarismo e Transição. **Revista USP**, São Paulo, v. 9, 1991.

passaram a ser disputadas por grupos que se opunham tanto ao Partido dos Trabalhadores (PT) quanto aos demais movimentos esquerdistas que faziam oposição aos governos petistas. Diferentes analistas consideram que as megamobilizações pró-impeachment de 2016 foram gestadas naqueles dias de junho. Em pleno exercício democrático de poder manifestar seus direitos no espaço público, surge o pedido mais incoerente dos manifestantes: o retorno da intervenção militar.

Corpos dóceis

Na obra *Vigiar e Punir* (1987)¹³ e em *Les mailles du pouvoir* (1981)¹⁴, o francês Michel Foucault busca definir o conceito de disciplina como um dispositivo de aplicação do poder, cujo surgimento se dá no final do século XVII e no início do século XIX. Foucault apresenta duas modalidades para a palavra disciplina. Uma está relacionada à forma discursiva, responsável pelo controle na produção de novos discursos. A outra é relativa ao poder, que se manifesta por meio da dominação dos sujeitos, repartição dos espaços e adestramento do indivíduo a fim de extrair e multiplicar as suas forças.

É no século XVIII que o corpo é descoberto como “objeto e alvo de poder”, ou seja, é um corpo manipulável, capaz de ser modelado, controlado, disciplinado, como se fosse uma máquina, ele é dócil. Foucault explica que a disciplina do século XVIII difere daquela do século XVII, pois não se fundamenta numa relação de apropriação dos corpos, como a escravidão e a domesticidade das épocas clássicas. A disciplina do século XVIII produz corpos dóceis, especializados e condicionados a desempenhar diversas funções. Para controlar as operações desse corpo, há a necessidade da utilização de métodos, denominados por Foucault de disciplinas:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos [...] A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência (FOUCAULT, 1987, p.127).

É possível afirmar que a disciplina, entre o século XVIII e XIX, não apenas suga e extrai totalmente o que os corpos dóceis têm a oferecer, mas compõem essas forças para obter um melhor resultado:

Surge assim uma exigência nova a que a disciplina tem que atender: construir uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe. A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente (FOUCAULT, 1987, p.147).

¹³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *Les mailles du pouvoir*. In: **Dits et écrits**, v. 4. Paris: Gallimard. 1981.

No Brasil da Nova Ordem, a disciplina dos corpos ocorre por meio da produção de mentes dóceis, desprovidas de paixões e inquietações, mentes passivas, que apenas armazenam o que lhe é dado, sem reduzir os indivíduos a meros robôs. “Anular sua individualidade sem anular suas habilidades” (KUCINSKI, 201XX, posição 1057). Assim, esses sujeitos são carentes de uma consciência crítica em relação ao sistema controlador pelo qual são subjugados. Os corpos que compõem a sociedade descrita na distopia são dóceis e úteis. São enganados para trabalhar e também para abastecer e alimentar a elite dirigente. A dominação “pacífica e espiritual” de Ariovaldo fabrica corpos submissos, exercitados, que compõem a mecânica do poder para que se faça aquilo que é necessário, a fim de garantir produtividade, rapidez e eficácia naquilo que constitui a anatomia política.

Considerações finais

Um estudo¹⁵ da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FespSP), publicado em abril de 2020, mostrou que robôs foram responsáveis por mais da metade das publicações favoráveis ao presidente Bolsonaro na rede social *Twitter*. A pesquisa foi coordenada por Isabela Kalil (FESPSP) e R. Marie Santini (UFRJ), sendo realizada por meio de ferramentas de ciência de dados. Os resultados demonstraram que robôs responderam por 55% dos 1,2 milhão de publicações com a expressão #BolsonaroDay para homenagear o presidente em 15 de março, dia de atos de rua pró-governo¹⁶. A pesquisa identificou a ação de 23,5 mil usuários não humanos a favor do presidente em um universo total de 66 mil usuários que publicaram a “*hashtag*” naquele dia. Percebe-se que o governo criou um “exército” na *Internet* composto de muitos “bots” e ciborgues, programados para espalhar assuntos estratégicos e favoráveis para quem os comanda.

A partir do universo de pouco mais de três milhões de postagens do *Twitter* foram identificados quatro padrões distintos de mensagens. O primeiro padrão se relaciona com a campanha permanente tendo o STF como alvo de forma relativamente constante [...]. O segundo padrão está relacionado com a mobilização de *internet* no 15M. Pela contingência da recomendação de isolamento pelas autoridades, o chamamento para as manifestações virtuais ganhou destaque com a chamada “avalanche digital”, especialmente representada pela #Bolsonaroday. Já o terceiro padrão diz respeito às mensagens compartilhadas que procuravam fornecer respostas às mudanças impostas pela dinâmica de prevenção da Covid-19 com chamados para a participação dos atos em si com protestos em forma de carreatas pelas cidades. Por fim, o quarto padrão se relaciona com o incentivo para que os apoiadores participassem das manifestações nas ruas, a despeito dos riscos de contágio da Covid19. Neste sentido, destaca-se a figura do “patriota” como alguém que poderia “morrer pelo Brasil”. Este perfil específico com a figura do “patriota” é mobilizado pelo apelo a um imaginário militar e de guerra (KALIL; SANTINI, 2020, p. 16-17).

¹⁵ KALIL, I. & SANTINI, R. M. **Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP/UFRJ. Disponível https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf. Acesso 25 abr. 2020.

¹⁶ Vale ressaltar que durante esse ato em questão, algumas das reivindicações desses manifestantes apoiadores do governo eram a favor do fechamento do Congresso Nacional pelas Forças Armadas.

Na distopia de Kucinski, Ariovaldo almeja controlar os sonhos para governar vidas. Ao docilizar e customizar as mentes, aniquilando as diferenças e o pensamento crítico, o coronel percebe que não há sonho sem desejo, sem paixão. Essa metáfora desenvolvida por Kucinski poderia, de certa forma, ser um reflexo de um presente confuso e caótico. Ainda que os ataques ao pensamento crítico sejam feitos por meio da repetição de discursos radicais e contraditórios, disseminados em sua maioria por robôs em redes sociais, diferentemente de Ariovaldo (representante do poder), o sistema político vigente no Brasil se apropria de desejos e paixões. Esses sentimentos, por sua vez, são em parte dotados de uma potência autoritária que está enraizada na nossa própria história. A partir disso, muitas memórias são higienizadas para que as utopias, ou melhor, as ucronias sejam, por fim, esmagadas. Ao fim e ao cabo, Kucinski nos mostra que é preciso estar em constante vigília para continuar “sonhando”.

Bibliografia

- BUARQUE, Chico. **Canções**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/letras/naosonho_79.htm>. Acesso 15 mar. 2020.
- FOUCAULT, Michel. Les mailles du pouvoir. In: **Dits et écrits**, v. 4. Paris: Gallimard. 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984
- FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916), parte I e II, vol. XV. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. **Letras**, Santa Maria, n. 18/19, p. 121-144, jan./dez., 1999.
- KALIL, I. & SANTINI, R. M. **Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**. São Paulo / Rio de Janeiro:FESPSP/UFRJ. Disponível < https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf>. Acesso 25 abr. 2020.
- KUCINSKI, B. **A Nova Ordem**. São Paulo: Alameda, 2019. Recurso digital.
- KUCINSKI, B. **Os Visitantes**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KUCINSKI, B. K. —**Relato de uma busca**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.
- PINHEIRO, Paulo Sergio. Autoritarismo e Transição. **Revista USP**, São Paulo, v. 9, 1991.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. **Pensando o tempo na Nova Ordem**: Sobre as verdades da ficção e a necessária organização do pessimismo. Palestra ministrada no XVI Congresso Internacional da ABRALIC, ocorrido na Universidade de Brasília entre os dias 15-19/07/2019.
- WARTH, Anne; LINDNER, Julia. Planalto confirma ordem de Bolsonaro para comemorar aniversário do golpe de 1964. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 145, 25 mar. 2019. Política, p. B1.